

LUGARES LGBTQI+ EM PELOTAS: PORTOS SEGUROS OU ARMADILHAS?

GABRIELE ROLDAN BORDAGORRY¹; RENATA DUARTE²; LOUISE PRADO ALFONSO³

¹Universidade Federal de Pelotas – gabibordagorry@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – renata.duarte7@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Pelotas é particularmente conhecida entre os municípios e estados vizinhos por ser a "cidade dos viados", termo que é usado e reconhecido como uma representação, identidade e uma marca de distinção, sendo ainda hoje apresentada assim por políticos locais. Desta forma, é fundamental entender que ao construir-se identidades, produzimos sentidos e estes sentidos ligam-se a narrativas, que unem passado e presente (CAVALHEIRO 2004). A representação a partir da identidade construída ao longo dos anos traz consigo uma imagem negativa com relação a comunidade LGBTQI+, gerando grandes debates, preconceito e violência.

O presente trabalho é desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa *Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas* e vinculado ao projeto de extensão *Mapeando a noite: o universo travesti*. Tem como objetivo identificar na cidade de Pelotas, trajetos e lugares positivos e negativos frequentados pela comunidade LGBTQI+. Uma primeira reflexão sobre a temática foi apresentada em um módulo da exposição *Patrimônios Invisibilizados: Para além dos casarões, quindins e charqueadas* durante as comemorações do Dia do Patrimônio. Neste trabalho buscamos aprofundar a pesquisa a partir de um viés do turismo.

Para tanto, tentamos entender o conceito de lugar e imaterialidade, para melhor elaborarmos esses trajetos. Segundo o Dicionário de Patrimônio Cultural - IPHAN, lugares são espaços físicos imbuídos de significação cultural, aos quais são atribuídos valores, a partir disso, lugar é, portanto, uma categoria de classificação de bens culturais. Já a ideia de imaterialidade, diz respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas, e nos lugares. Ao pensarmos sobre essa discussão, decidimos então estudar os locais na cidade de Pelotas, que de certo modo, são acolhedores à comunidade LGBTQI+ e os locais que mais propiciam desconforto e violência.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi um questionário destinado à comunidade LGBTQI+, onde obtivemos 21 respostas, embora ainda a pesquisa esteja no início, já obtivemos dados interessantes. Neste questionário se

encontram as seguintes perguntas: "Você é LGBTQI+?", "Cite 03 lugares positivos em quesito LGBTQI+ em Pelotas. Por quê?" e por fim, "Cite 03 lugares negativos em quesito LGBTQI+ em Pelotas. Por quê?". Também acrescentando à pesquisa, fizemos campo na sexta-feira, dia 06 de setembro, na boate The Way (boate LGBTQI+s), onde entrevistamos em torno de umas 30 pessoas LGBTQI+, em formato de áudio MP3 pelo aparelho celular, com consentimento das pessoas, as mesmas perguntas citadas anteriormente. A partir do mesmo, consideramos todas as respostas e depoimentos dessa amostra da comunidade para os fins da pesquisa.

As pessoas que foram entrevistadas para a coleta de dados desta pesquisa, têm como principais características sua sexualidade, visto que foram, gays, lésbicas, transexuais, travestis, bissexuais e drag queens. A faixa etária foi entre 18 e 35 anos, contando que a maioria dos entrevistados eram estudantes, todos residentes na cidade de Pelotas, aparentemente de classe social baixa - média.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pela observação dos fatos mencionados, conseguimos considerar os lugares positivos e negativos para se frequentar sendo da comunidade LGBTQI+ na cidade de Pelotas. Primeiramente, apresentaremos aqui os lugares positivos mais citados pelas/os entrevistadas/os, também narrativas de suas experiências neles. A grande maioria, vinte e sete pessoas, em primeiro lugar, citaram a boate The Way. Alguns comentários especificamente trouxeram o fato de a casa ter sido o primeiro local de Pelotas a ser destinado para o público LGBTQI+, que conta que "acolheu" o público e trouxe a visibilidade para a comunidade. Interessante esta informação pois sabemos que a The Way é extremamente recente e que existem casas específicas para as comunidades LGBTQI+ em Pelotas desde o início do século XX. Acreditamos que esta resposta esteja vinculada ao público que participou da pesquisa ser formado por jovens universitários/as.

Não ficando atrás, com vinte e três comentários a favor, a casa noturna Galpão também demonstra receptividade com esta comunidade. As/os entrevistados/as que relatam que é um ambiente que permite beijos de pessoas do mesmo sexo, diminuindo a insegurança das pessoas, que passam a se sentir mais confortáveis por não se sentirem julgados/as naquele lugar.

A Praça Coronel Pedro Osório, que se trata de um local aberto e público, ficou em terceira posição, com o total de onze falas. Nelas os/as entrevistados/as comentam se sentirem mais seguros, pois como é um local central, qualquer caso de violência, será fácil de buscar ajuda. Também, ser um lugar onde muitos/as frequentadores/as são pessoas LGBTQI+, assim não se sentem diferentes, mas sim a vontade, alguns relatam *"sentir a inclusão, não tendo medo de se expressar"*.

Trazendo aqui uma visão mais geral do que nos foi relatado, há outros diversos lugares em que também acolhem a comunidade LGBTQI+, como: o Sofá na Rua, Baiuca, Campus da Universidade Federal de Pelotas, "Rua Gonçalves", Porto do Lanche, Feito de Letras, Café.com, Las Vulvas, Restaurante Universitário, Mercado Público, Bar do Zé, Loja Gang, Biblioteca Pública Pelotense, NJOY e

Scissors. Nestes lugares as pessoas relataram que se sentem confortáveis, destacam a inclusão social, a liberdade de expressão, a segurança, o apoio às causas LGBTQI+. Destacam a segurança por beijar alguém do mesmo sexo em público, sem julgamentos, pois consideram que se trata de público em comum formado pela comunidade LGBTQI+. Um/a dos/as entrevistados/as, por considerar tais locais positivos, relata: *“sinto que posso ser eu mesma, sem receio de estar com quem eu quero por medo da reação de alguém ao meu redor”*.

Partindo para os resultados negativos, em primeiro lugar, com vinte e cinco argumentos contra, ficou a casa noturna Degrau. Sobre esta foram relatados inúmeros casos de agressão, casos de expulsão por conta de demonstração de afeto de pessoas do mesmo sexo, proibição de pessoas com vestimentas que consideraram “não adequadas”. Como exemplo, tivemos um relato de uma menina lésbica que foi barrada em festa por estar usando tênis e roupas “masculinas” ao invés de salto alto, enquanto sua amiga usando roupas femininas, entrava tranquilamente de tênis no local.

O Bar João Gilberto ficou em segundo lugar, com doze votos negativos. Recebemos vários relatos do público LGBTQI+ de agressões físicas e psicológicas, assédio a mulheres, machismo, expulsão por demonstração de afeto por pessoas do mesmo sexo, homofobia, entre outros.

Já em terceiro lugar, com o total de onze depoimentos, ficou a boate The Way, o que achamos curioso, já que de forma paradoxal seria uma casa LGBTQI+ e foi aquela mencionada como acolhedora na questão anterior. Logo, relatam que hoje em dia a boate não é mais mesma e que com o tempo foi perdendo o posto de LGBTQI+. Destacam que muitos/as frequentadores/as são heterossexuais, ocupando um espaço que seria da comunidade LGBTQI+, há algumas narrativas relacionadas a situações de preconceito, identificando a casa noturna como *“um lugar opressor”* e, também, *“lugar que dá uma falsa esperança de proteção”*.

Além dos já citados, tivemos inúmeros lugares mencionados como negativos no quesito LGBTQI+, dentre eles: o Escritório, o Campus do Capão da Universidade Federal, o Mercado Público, a Pettrus, Sky, o Shopping Pelotas, o Papueira Bar, a Pizzaria Sabores do Sul, o Cazão, All In, a Shed, o Café Aquarius, ruas do Bairro Porto, Avenida Bento Gonçalves e ruas em geral. Dentre os relatos, uma das pessoas aponta a presença de outros de “mente fechada” e que sente medo de homens que venham com uma abordagem de tentar a *“ensinar a gostar da coisa”*.

4. CONCLUSÕES

Os resultados que recolhemos foram bastante significativos, a maioria tem as mesmas percepções, contando-nos histórias de agressão física e verbal, homofobia, insegurança, formas de exclusão na sociedade, transfobia, desconforto, a amplitude de lugares com público alvo “hétero normativo”, opressão, bullying pelas vestimentas, repressão, preconceito e comentários maldosos. Além do exposto, o que nos chamou atenção, foi que parte das pessoas que responderam as entrevistas, relatam não se sentirem seguros/as em qualquer lugar na cidade,

pois todos somos vítimas, visivelmente, e do preconceito que a cidade de Pelotas tem como tradição. Assim, deixamos aqui a pergunta: Pelotas é cidade de viado?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALHEIRO, G. L. **PELOTAS, “CIDADE DE GAYS”**: Um estudo sobre os usos políticos de uma representação. Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. V. I, nº 2. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jul/Dez 2004.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dicionário Iphan de Patrimônio Cultural**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1026>. Acesso em: 5 agosto 2019.